

Psilídeos no Brasil: 5-*Trioza tabebuiae* em Ipês

Dalva Luiz de Queiroz¹

Daniel Burckhardt²

Daniel Piacentini de Andrade³



Ipês floridos em ruas de Curitiba, PR. Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

Ipês são árvores ou arbustos tropicais pertencentes ao gênero *Tabebuia* (Bignoniaceae), com cerca de 100 espécies presentes no continente americano. Muitas destas espécies fornecem madeira de alto valor comercial, utilizadas na construção civil e movelaria (MABBERLEY, 1987). Também são plantadas em áreas urbanas com função ornamental, pois possuem flores muito atrativas.

Em Curitiba, PR, a espécie mais plantada é a *Tabebuia alba*, conhecida como: "ipê-mandioca", "ipê-branco", "ipê-tabaco", "ipê-mamona", entre outros. Esta pode atingir de 20 m a 30 m de altura, possui folha composta, glabra na parte superior e pilosa de coloração prateada densa na parte inferior (Fig. 1) (LORENZI, 1992). Na produção de mudas para arborização urbana, o longo tempo de permanência no viveiro (de 2 a 3 anos), aliado ao elevado número de plantas num espaço reduzido, cria condições ideais para a proliferação de pragas.

Um dos insetos praga encontrados com grande frequência nos viveiros de produção de plantas para arborização urbana de Curitiba é o psilídeo do ipê (*Trioza tabebuiae*), que causa enrolamento das folhas em diversas espécies de ipês.



Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

Fig. 1. Parte adaxial e abaxial de folha de *Tabebuia alba*.

¹ Engenheira florestal, Doutora, Pesquisadora *Embrapa Florestas*. E-mail: dalva@cnpf.embrapa.br

² Zootecnista, Doutor, Naturhistorisches Museum. E-mail: daniel.burckhardt@unibas.ch

³ Licenciando em Biologia da Faculdade Integrada Espírita, Estagiário da *Embrapa Florestas*. E-mail: danielpda0@hotmail.com

Nome científico

Trioza tabebuiae Burckhardt & Queiroz, 2001.
(Hemiptera, Psylloidea, Triozidae).

Nomes populares

Inglês - *Trumpet tree psyllid*.

Português - Psilídeo do Ipê.

Descrição e morfologia

A descrição dos adultos e ninfas foi baseada em Santana e Burckhardt (2001). Os adultos possuem coloração geral de palha à ocre. Antena filiforme, marrom escura em alguns segmentos. Asa anterior com venação ocre e membrana quase transparente. Asas posteriores cinza, pernas e genitália amarelas. Abdômen variando do marrom claro ao escuro (Fig. 2 e 3).

dez segmentos, apresentando rinária apical nos segmentos 4, 6, 8 e 9. Tórax arqueado, pronoto com lobo posterior curto (Fig. 4).

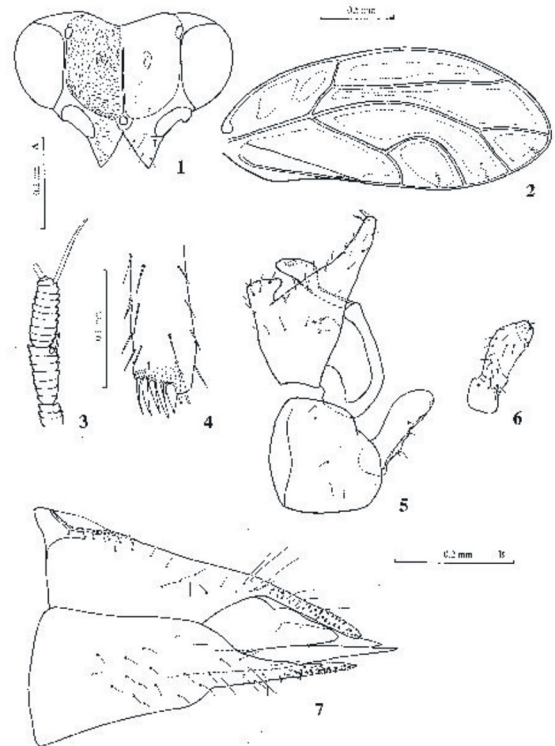


Fig. 4: *Trioza tabebuiae*. 1. Cabeça, vista dorsal. 2. Asa posterior. 3. Segmentos antenais 9 e 10. 4. Ápice da metatíbia. 5. Genitália masculina de perfil. 6. Parâmero, face interna. 7. Genitália feminina de perfil. Fonte: Santana e Buckhardt (2001).

Trioza tabebuiae se diferencia das outras espécies do gênero pela ausência de espinhos esclerotizados na metatíbia – a presença e o número destes é normalmente constante em Triozidae.

Outro aspecto que chama a atenção nessa espécie é a sua associação com a família Bignoniaceae, sendo esse o primeiro caso de ocorrência de psilídeos nessa família em todo o mundo.

A ninfa de quarto ínstar difere da de quinto principalmente pelas dimensões do corpo menores e por possuir o tarso e a tíbia fundidos (Fig. 5). A ninfa de quinto ínstar possui cor do corpo amarelo-esbranquiçada, com pontos pretos. Corpo esparsamente coberto com setas estreitas dorsamente e marginalmente. Tarso com garras e arólio curto e fino (Fig. 6 e 7).



Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

Fig. 2. Adulto de *Trioza tabebuiae*, visão dorsal.



Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

Fig. 3. Adulto de *Trioza tabebuiae*, visão lateral.

Cabeça menor que o tórax, olhos hemisféricos, vertex sub-retangular, processo genal plano mais baixo ou mais inclinado que o vertex. Antena com

Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

Fig. 5. *Trioza tabebuiae*. Ninfã de quarto ínstar.

Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

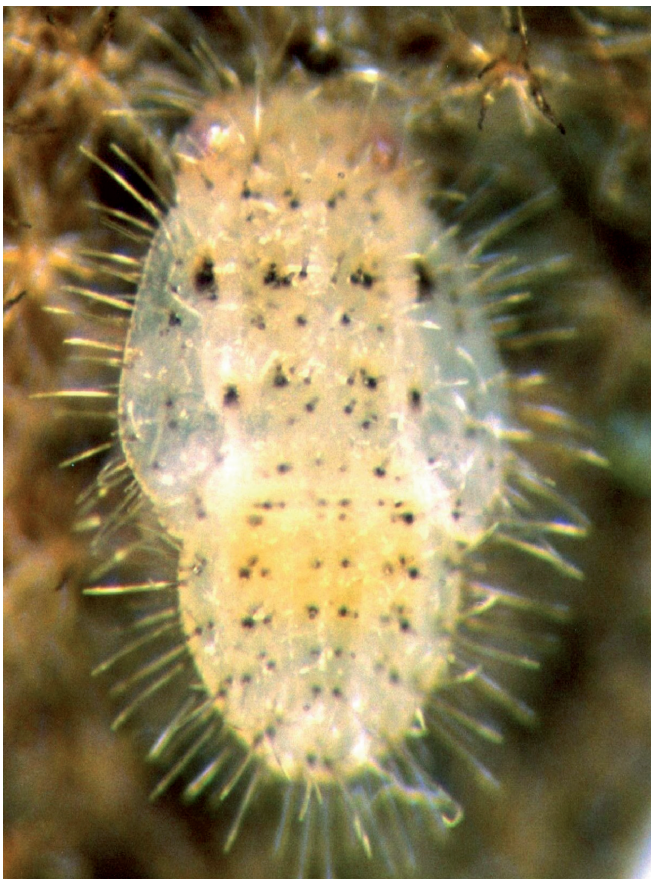
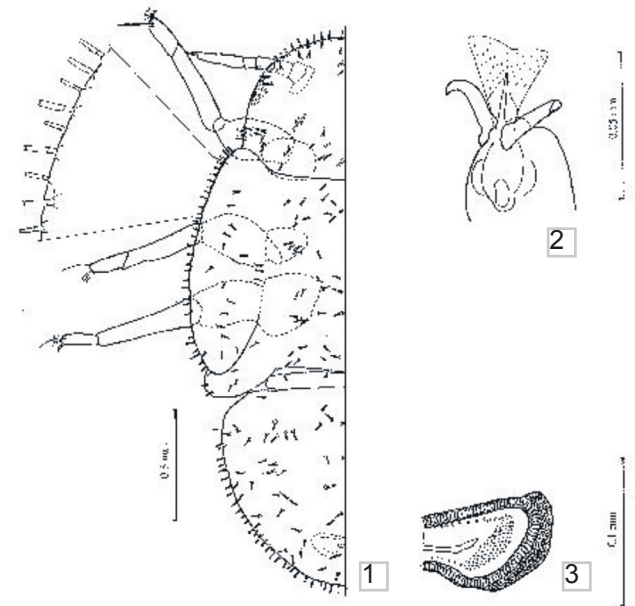
Fig. 6. *Trioza tabebuiae*. Ninfã de quinto ínstar.

Fig. 7. Ninfã de quinto ínstar: 1. Vista dorsal e detalhe da asa posterior; 2. Ápice do tarso com garras e arólio; 3. Anel circumanal. Fonte: Santana e Buckhardt (2001).

Os ovos possuem a base larga, e se estreitam até o ápice onde terminam em um longo filamento (Fig. 8).

Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

Fig. 8. Ovo de *Trioza tabebuiae*.

Ciclo de vida

A espécie deposita os ovos nas folhas novas do ipê, onde as ninfãs se desenvolvem. Não se conhece detalhes do ciclo biológico deste inseto.

Distribuição geográfica

Paraná, Brasil.

Plantas hospedeiras

Tabebuia alba (Fig. 1);

T. chrysotricha (Fig. 9);

T. heptaphylla (Fig. 10).



Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

Fig. 9. *T. chrysotricha* com e sem danos de *Trioza tabebuiae*.



Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

Fig. 10. *T. heptaphylla* com danos de *Trioza tabebuiae*.

Danos e sintomas nas plantas hospedeiras

Segundo Santana e Burckhardt (2001), as ninfas desse psílídeo sugam a seiva de folhas novas, induzindo o enrolamento das bordas, deixando

a folha com forma tubular. Provavelmente, as ninfas e adultos, ao sugarem a seiva da planta, injetam toxinas nas folhas que induzem o crescimento irregular das nervuras. Aparentemente, o crescimento das nervuras das plantas afetadas é menor que o do tecido internerval, resultando em um aspecto enrugado. Em grandes infestações, todas as folhas da planta ficam distorcidas, menores, enroladas, encarquilhadas e, conseqüentemente, a planta perde área fotossintética. Em infestações em folhas grandes, apenas a margem se enrola (Fig. 11 e 12).



Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

Fig. 11. *Tabebuia alba* com danos severos de *Trioza tabebuiae*.



Foto: Dalva Luiz de Queiroz.

Fig. 12. Encarquilhamento de folhas de *Tabebuia alba* causado por *Trioza tabebuiae*.

Não foram observados danos destes insetos em *Tabebuia roseo-alba*.

Grande parte das folhas atacadas deixaram de cair naturalmente no inverno, o que sugere que a alimentação de *Trioza tabebuiae* inibe a queda das folhas, pois mesmo após severas e repetidas geadas permaneciam na planta, queimadas e secas. Nestas folhas, foram observados adultos e ninfas de último ínstar, sugerindo que estas alterações são formas estratégicas para o inseto garantir abrigo em condições adversas.

Controle

Não há registro de inimigos naturais deste psílídeo. Em altas infestações, têm sido utilizados inseticidas sistêmicos em viveiros.

Referências

- LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 1992. v. 1, 368 p.
- MABBERLEY, D. J. **The plant-book**: a portable dictionary of the higher plants. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 707 p.
- SANTANA, D. L. Q.; BURCKHARDT, D. A new trioqid pest (Hemíptera, Psylloidea, Triozidae) on ornamental trumpet trees (*Tabebuia* spp., Bignoniaceae) in Brazil. **Revue Suisse de Zoologie**, v. 108, n. 3, p. 541-550, 2001.

Comunicado Técnico, 242

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Florestas
 Endereço: Estrada da Ribeira Km 111, CP 319
 Fone / Fax: (0**) 41 3675-5600
 E-mail: sac@cnpf.embrapa.br

1ª edição

1ª impressão (2009): conforme demanda

Ministério da Agricultura,
 Pecuária e Abastecimento



Comitê de Publicações

Presidente: *Patrícia Póvoa de Mattos*
Secretária-Executiva: *Elisabete Marques Oaida*
Membros: *Antonio Aparecido Carpanezi, Cristiane Vieira Helm, Dalva Luiz de Queiroz, Elenice Fritzsos, Jorge Ribaski, José Alfredo Sturion, Marilice Cordeiro Garrastazu, Sérgio Gaíad*

Expediente

Supervisão editorial: *Patrícia Póvoa de Mattos*
Revisão de texto: *Mauro Marcelo Berté*
Normalização bibliográfica: *Elizabeth Câmara Trevisan*
Editoração eletrônica: *Mauro Marcelo Berté*